



Os historiadores do discurso e a noção-conceito de formação discursiva: narrativa de uma transvaliação imanente¹

Jacques Guilhaumou²
CNRS/ENS-LSH de Lyon - França

«O que nos importa, é o deslocamento»
(Jean-Pierre Faye, 1997, p. 92).

RESUMO: Neste artigo, procuramos questionar a retirada no início dos anos 80 de um dos conceitos fundamentais para a *Análise do Discurso* de orientação francesa, a saber, o de formação discursiva. Perguntamo-nos mais sobre quais são os recursos interpretativos inicialmente veiculados por essa noção e focalizamos, então, nossa atenção sobre o que Julian Bourg (2002) chama, no momento em que ele caracteriza o espírito de maio de 68, de transvaliação imanente.

PALAVRAS – CHAVE: Discurso; História; Interpretação; Interdiscurso e Formação Discursiva.

RÉSUMÉ: Notre objectif dans cet article est d'interroger la mise en retrait d'une notion cardinale de l'analyse du discours sur la base des sources d'archive de l'analyse du discours elle-même. Nous nous demandons plutôt sur quelles sont les ressources interprétatives initialement véhiculées par cette notion et nous focalisons alors notre attention sur ce que Julian Bourg (2002) appelle, au moment où il caractérise l'esprit de mai 68, la transvaluation immanente.

MOTS – CLÉS : Discours ; Histoire ; Interpretation ; Interdiscours et Formation Discursive

O exercício intelectual que consiste em sustentar uma reflexão sobre seu próprio trajeto de pesquisa em análise de discurso, estendendo-se ao longo de um período de mais de trinta anos, certamente não é fácil, mesmo se ele compreender o grupo dos primeiros historiadores do discurso. À primeira vista, pareceu-nos, apoiado em diversas pausas reflexivas desse trajeto, que a noção-conceito de *formação discursiva* muito presente em nossas primeiras pesquisas, desapareceu muito rapidamente logo no início dos anos 80 e de maneira definitiva no momento da volta efetiva, em 1983, no seminário "História e lingüística", para nossos primeiros trabalhos.

Nosso objetivo presente é, então, questionar essa retirada da noção fundamental da análise de discurso da base das fontes de arquivo da análise da própria análise de discurso.

De fato, dispomos de dois tipos de fontes:

- De um lado, os textos iniciais dos historiadores, essencialmente Régine Robin e eu mesmo, sobre o discurso como objeto da história, no qual se formula, no início dos anos 70, a

relação de nossos primeiros estudos concretos com a definição canônica de formação discursiva (HAROCHE, HENRI, PÊCHEUX, 1971) em sua articulação com o marxismo.

- De outro lado, a retomada de críticas que se iniciaram no fim dos anos 70 em colaboração com Denise Maldidier, no quadro de uma história da análise de discurso.

A respeito dessa informação, não se trata de propor uma narrativa de transformação, que, ao entrelaçar a fonte inicial e a fonte crítica, nos faria caminhar pelas primeiras verdades marxistas até verdades mais atuais, emprestadas todas do pós-modernismo, trajeto que justificaria a não-operatividade da noção-conceito de formação discursiva no início dos anos 80 nos textos dos historiadores do discurso. Não se trata mais de saber se a noção de formação discursiva é consubstancial à análise do discurso, isto é, se ela faz parte das categorizações fundamentais dessa nova disciplina. Perguntamo-nos mais sobre quais são os recursos interpretativos inicialmente veiculados por essa noção e focalizamos, então,

¹ Agradecemos imensamente ao Prof. Jacques Guilhaumou por sua generosidade intelectual nos cedendo este texto para publicação. Tradução Roberto Leiser Baronas e Nilton Milanez.

² Professor – Pesquisador do Laboratório sobre os discursos políticos CNRS/ENS-LSH de Lyon – França.



nossa atenção sobre o que Julian Bourg (2002) chama, no momento em que ele caracteriza o espírito de maio de 68, de *transvaliação imanente*. Transvaliação no sentido em que valores de emancipação se transmitem no interior mesmo do deslocamento da noção de formação discursiva para seu esgotamento conceitual. Imanência na medida em que o gesto constitutivo da análise de discurso, sua inscrição na materialidade da língua, se faz sempre presente.

A mobilização inicial dos recursos do marxismo ao redor da noção-conceito de formação discursiva sofreu, então, metamorfoses em *alguma coisa* que não é sua negação, pelo fato mesmo de conservar a materialidade e as potencialidades de emancipação da análise de discurso.

No entanto, descrever a transmutação dos valores supõe o *emprego de uma narrativa* com o objetivo de manter permanente o percurso da narração do conceito na linha de horizonte do sujeito falante. Pareceu-nos, portanto, possível construir uma narrativa no interior do círculo restrito dos historiadores do discurso, na medida em que o *elemento formação-discursiva se desloca* para chegar ao momento do acabamento de sua operatividade na principal formulação do horizonte do sujeito falante em análise de discurso, com a expressão de “deslocamento tendencioso do sujeito”³, enunciado por Michel Pêcheux.

I – A formação discursiva confrontada com a complexidade dos agenciamentos discursivos (os anos 70).

Tudo começa, para o historiador do discurso, com *História e lingüística* de Régine Robin, obra publicada em 1973, mas elaborada em condições particulares, às quais estou intimamente ligado. No início, o contrato com Armand Colin foi assinado por Régine Robin e eu, quando acabava de sair do meu trabalho de *maîtrise* sobre o discurso de *Père Duchesne*, de Hébert. Dedicamos o verão de 1971 para reunir os materiais da segunda parte intitulada “*Quelques méthodes d’approches des textes*”. Começo, então, a redigir dois capítulos, sobre a lexicometria e os campos semânticos. Depois, solicitado para preparar a agregação de história

na ENS de Saint Cloud como ouvinte, renuncio a essa colaboração para me dedicar inteiramente à preparação do concurso.

Caberá, portanto, à Régine Robin refletir sobre a posição problemática do historiador do discurso, no capítulo 4, intitulado “*formação social, prática discursiva e ideologia*” - notaremos a ausência da noção-conceito de formação discursiva nesse título -. Ela o faz em um longo comentário da principal citação de Haroche/Henry/Pêcheux de 1971 (“*As formações ideológicas comportam necessariamente como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito...*”), o que nos distancia de Foucault. Era o momento inaugural em que considerávamos as formações discursivas como componentes de formações ideológicas, ligadas a sistemas de representação, portanto, a suas condições de produção no interior de uma realidade social marcada pela ideologia dominante. A primeira aproximação crítica (Guilhaumou, Mالدیدر, 1979) desse desenvolvimento teórico inaugural sublinha que a espécie discursiva estava assim classificada em gênero ideológico e que a questão do sentido remetia-se a um exterior ideológico.

Falou-se, freqüentemente, então, que esse fantasma da teoria do discurso existiu somente por um período muito curto, porque, desde *Les Vérités de la Palice* (1975)⁴, ele é significativamente evocado por Michel Pêcheux nos anexos em auxílio a uma correção que, destacadamente, interessa-nos:

Seria absurdo fundar uma nova disciplina ou uma nova « teoria », a teoria materialista do discurso. Alguns de nós têm muitas vezes empregado esta formulação, mas é muito mais para delimitar as fronteiras de uma nova região científica do que efetivamente para designar elementos conceituais (antes do conceito de formação discursiva) (PÉCHEUX, 1975, p. 266).

Notemos aqui a designação explícita do caráter transvaliador da noção-conceito de formação discursiva, enquanto elemento julgado estável na perspectiva de um dado imanente, a materialidade significativa.

Régine Robin, por sua vez, destaca a relação

³ Em francês: “*délocalization tenenciale du sujet*”

⁴ Em português *Semântica e Discurso, Tradução Eni Orlandi, et al, 1995.*

com a conjuntura, portanto, o confronto das posições discursivas, certamente consideradas de maneira marxista com posições dos agentes no campo das lutas sociais e ideológicas. Ela firma sua posição em um texto de 1974, publicado em 1976, *discurso político e conjuntura*, no qual encontramos uma formulação programática em seu artigo *Dialétiques* (1978), com Michel Grenon sob a seguinte forma:

O estudo das formações discursivas em uma formação social, em suas relações de hegemonia, de alianças, de antagonismo e de seus deslocamentos estratégicos, em uma conjuntura dada, está em via de elaboração (p.29).

Opera-se, assim, um deslocamento maior da definição de formação discursiva no interior do discurso como objeto da história em direção de uma problemática das estratégias discursivas. Tinha igualmente notificado (1975a) esse deslocamento em meu primeiro artigo “sintético”, publicado no mesmo número de *Dialéticas*, sob o título de minha futura tese de 3^{me} cycle, *Idéologies, discours et conjoncture en 1793* (1978a). Ao lhe dar o sub-título de *Quelques réflexions sur le jacobinisme*, designava, então, uma temática, o jacobinismo, que nunca abandonei desde então, inclusive em sua relação com o marxismo, como prova o título de um artigo recente (2002): *Jacobinisme et marxisme : le libéralisme politique en débat*.

De fato, a noção-conceito de formação discursiva se complexifica nos trabalhos concretos dos historiadores do discurso com base nas noções de efeito de conjuntura e de estratégia discursiva. Certamente a formação discursiva está ligada, em meus primeiros trabalhos, a um interdiscurso jacobino que tento, na apresentação do N^o. 2 (1975) do *Bulletin d'analyse de discours de Lille III*, representar espacialmente, assimilando-o a uma visão matricial do discurso montagnard enquanto discurso dominante no seio do universo jacobino. Mas Régine Robin e eu introduzimos também a noção de formação retórica que tende a substituir aquela da formação discursiva para designar as estratégias discursivas descritas enquanto efeitos da conjuntura, manifestações do momento atual. Falo realmente da maneira mais extensiva de efeitos do momento da conjuntura e do acontecimento.

Não é, portanto, por acaso, se é nesse estudo, publicado em 1976 e conduzido conjuntamente por Denise Maldidier e Régine Robin, sobre um

acontecimento de maio de 68, Charléty, que se formula mais claramente esse deslocamento:

Assim, colocando-nos ao nível estritamente formal e sem prejudicar processos semânticos em relação com a ideologia e o interdiscurso, vemos que, no aparelho imprensa, a formação retórica que é o editorial coloca em jogo efeitos de conjuntura que remetem a uma estratégia discursiva (1994, p. 62).

Trabalhando também com o aparelho imprensa, mas em uma conjuntura de 1793, faço nada mais que descrever estratégias discursivas, conservando a perspectiva do interdiscurso jacobino. Um caso exemplar consiste na estratégia de mascaramento por efeitos populares do discurso jacobino do *Père Duchesne*, de Hébert, em contraste com a ideologia da “democracia direta dos jornalistas raivosos”, em particular, Jacques Roux ao longo da Revolução francesa” (GUILHAUMOU, 1975b).

Numa retomada crítica, escrevíamos, então, Denise Maldidier, Régine Robin e eu, em 1989:

Essa conceitualização – o interdiscurso – designa o espaço discursivo e ideológico no qual se deslocam as formações discursivas em função das relações de dominação, subordinação, contradição; ela encontraria nossas próprias interrogações a partir de pesquisas concretas nas quais estávamos engajados. Por isso, uma situação contraditória. Tentávamos utilizar todo aparelho conceitual da teoria do discurso. Mas toda taxionomia se chocava com a complexidade dos agenciamentos discursivos (p. 55).

Citávamos, então, um extrato de um texto inédito sobre *Linguística e análise do discurso. Leitura de uma crise*, do qual destaco o fato de querer “isolar no corpo complexo do discurso dos elementos simples tais como o discurso burguês/discurso feudal, discurso jacobino/discurso semculote”. Esse texto tinha sido dirigido em janeiro de 1978 em seguida ao seminário do México, de novembro de 1977, que introduz, iremos ver, um segundo deslocamento.

Mas terminemos sob um resumo, sob a pluma de Denise Maldidier, do primeiro deslocamento:

Vindo da história, Régine Robin e Jacques Guilhaumou refletiam sobre a relação entre ideologia e discurso, mas confrontados, em sua prática de historiadores, com a materialidade

complexa dos textos, acentuavam o intrincamento das formações discursivas. Falavam de estratégias discursivas, de enfrentamentos, de alianças (PÊCHEUX, 1990, p. 55).

II – Uma transvaliação no horizonte da materialidade dos textos (os anos 80).

A seqüência de nossa narrativa mostra como, no início dos anos 80, a transvaliação se aproxima de seu fim, o desaparecimento relativamente rápido da noção-conceito de formação discursiva em proveito de uma nova maneira de fazer da história do discurso.

A seqüência de nosso texto mostra como no início dos anos 80, a transvaliação se realiza com o desaparecimento relativamente rápido da noção-conceito de formação discursiva em proveito de uma nova maneira de fazer a história do discurso.

Michel Pêcheux opera no México, em 1977, um retorno a Foucault em um texto intitulado *Remonts de Foucault à Spinoza* e republicado mais tarde (1990). Da minha parte (1978b), proponho uma análise sintética dos trabalhos sobre os discursos políticos contemporâneos que têm no seu centro o trabalho de Jean-Pierre Faye e suas noções de aceitabilidade do discurso e de efeito de narrativa que representam de agora em diante um papel decisivo nas análises discursivas do lado da história. Os historiadores do discurso criticam a partir desse momento o uso da noção-conceito de formação discursiva. Essa noção deixa um grande espaço, segundo eles, para a tentação taxionômica, tipológica, ela reproduz uma aproximação totalitária e extrema da formação discursiva dominante que contrasta totalmente com a maneira que Jean-Pierre Faye descreve os mecanismos de aceitabilidade da ideologia nazista (1972). Não é possível, portanto, se apoiar na caracterização das formações discursivas como sistemas de representação que somente fazem sentido no discurso dominante.

Em outros termos, já asseveramos anteriormente que a conexão entre fatos discursivos e práticas não discursivas foi limitada a homologias em referência a uma exterioridade. Com efeito, tenho lido trabalhos de estudiosos alemães sobre pragmática histórica textual, fortemente marcada pelas análises de Koselleck, acerca do que chamamos atualmente de a conexão empírica entre a realidade e o discurso (GUILHAUMOU, 2001).

Seguindo sempre Pêcheux, convinha acabar com uma concepção da formação discursiva como um bloco homogêneo relacionado a uma ideologia dominante: ela é tomada de agora em diante como não idêntica a ela mesma, em referência à categoria spinozista de contradição. Tratava-se, então, de colocar a questão da presença no seu interior da ideologia dominada. Enuncia-se, também, nessa nova conjuntura, um destaque na referência à tradição marxista: acentua-se mais a história dos grupos sociais subalternos, ao exemplo de Gramsci nos *Cahiers de prison* (GUILHAUMOU, 1979).

Por um aparente paradoxo, é no momento em que todos os elementos são reunidos para dessecar a operatividade inicial da noção-conceito de formação discursiva, que encontramos, sob a pluma de Jean-Jacques Courtine (1981) e de Jean-Marie Marandin (1979) - enquanto eles acabam de produzir uma descrição situada do discurso comunista em sua respectiva tese - um último esforço para precisar o que há do trabalho teórico sobre esse conceito. "Consideramos uma formação discursiva como heterogênea a ela mesma", concluem eles em sua intervenção no seminário sobre as *Matérialités discursives* (CONEIN et alii, 1981).

A noção-conceito de formação discursiva é, assim, tomada *in fine* no heterogêneo, ela não remete mais a lugares enunciativos referentes a um exterior ideológico. A descrição do deslocamento dos sujeitos, da passagem de um lugar enunciativo a outro se torna primordial. Assim, o metadiscorso sobre as posições enunciativas desaparece em proveito de uma atenção a que Pêcheux chama, na introdução do seminário *Matérialités discursives*, "o deslocamento tendencioso do sujeito enunciativo" no interior mesmo da materialidade dos textos. Essa formulação teórica se traduzirá em meus primeiros estudos empíricos sobre os porta-vozes jacobinos - do qual apresentamos uma primeira síntese em 1991 - por uma acentuação do contraste com a palavra dominante dos atores legítimos *a priori*. É, com efeito, ao longo dos anos 80 que conduzo uma vasta pesquisa nos arquivos departamentais dos Bouches-du Rhône com o objetivo de restituir os recursos interpretativos dos próprios atores, cuja finalização é a publicação de minha obra sobre *Marseille républicaine* (1992).

Para dizer a verdade, a crítica do historiador

do discurso remete, então, essencialmente, sobre o peso do metadiscurso que tende a colar o analista de discurso em uma exterioridade ideológica. Duvidosa em veicular insidiosamente esse metadiscurso, portanto, em tornar inacessível a materialidade própria dos textos, a noção de formação discursiva cai em desuso.

Além do caso dos historiadores do discurso, a formação do grupo de pesquisa “análise de discurso e leitura de arquivo”, em 1982, sob a direção de Michel Pêcheux, marca bem o momento em que essa noção desaparece do campo de reflexão dos analistas do discurso sempre tão preocupados com a materialidade discursiva. Uma nova operação de leitura, a *leitura de arquivos*, retornando à concepção de arquivo para Foucault, é singularmente valorizada. Ela tem a vocação de validar, problematizando-o, o trabalho do arquivo dos historiadores do discurso. É a época em que, simultaneamente, chego ao fim de minhas pesquisas sobre a questão das subsistências no século XVIII, de um lado, e sobre a propagação das palavras de ordem na descrição discursiva, em 1793, ao redor de acontecimentos maiores, por exemplo a morte de Marat, de outro lado, valorizando sua publicação sobre um longo período (1984b, 1986, 1989, 2000a), maneira de sublinhar sua importância.

Assistimos, portanto, a uma retirada do conceito de formação discursiva e de sua imposição externa em proveito dos recursos interpretativos internos ao arquivo: toda uma série de categorias descritivas tomam o lugar do metadiscurso, entregue ao julgamento de saber da historiografia. Não se trata, em nosso caso, de um abandono da referência ao marxismo.

Ao contrário, a própria tradição marxista assume um valor de dimensão interpretativa, crescendo-se de suas primeiras formulações, portanto, da Revolução francesa para o jovem Marx, pelo fato da tradutibilidade entre a linguagem política francesa e a filosofia prática alemã, como indiquei, em 1996, em um artigo-balanço significativamente intitulado: *Révolution française et tradition marxiste: une volonté de refondation*. Defino, então, um vasto campo de análise que se estende tanto sobre a filosofia alemã, de Kant à Marx, quanto sobre os próprios discursos revolucionários. A partir desse momento, não há mais necessidade de um corpo de conceitos “marxistas” (*modo de produção, luta de classes, revolução burguesa etc.*), vindos do materialismo

histórico e aplicáveis de maneira mecânica à realidade da Revolução francesa. São as categorias explicativas da história da Revolução francesa tais como elas são elaboradas reflexivamente pelos pensadores contemporâneos do acontecimento revolucionário, tanto alemães como franceses, depois traduzidas nos primeiros textos de Marx, que são levadas em conta no interior da leitura marxista do jacobismo. Trata-se das categorias de entusiasmo/simpatia de aspiração, de porta-voz/língua popular, de movimento popular/movimento revolucionário, e de terror/revolução permanente (GUILHAUMOU, 1996).

Reivindico, então, abertamente (Guilhaumou, 1993), minha participação na virada interpretativa e hermenêutica (DOSSE, 1995) sobre a base de uma leitura de Foucault, “novo arquivista” (DELEUZE, 1986), da referência maior à tradutibilidade das linguagens e das culturas para Gramsci. E de uma tomada de consciência, graças ao sociólogo Bernard Conein, que trabalha um período sobre a Revolução francesa (1981), da etnometodologia e de sua concepção da reflexividade das descrições sociais. Da formação discursiva ao enunciado de arquivo, trata-se do sujeito da enunciação, do objeto discursivo e da noção-conceito em uma relação intrínseca ao próprio enunciado. Todo discurso faz parte de um enunciado, a distinção entre texto e contexto perde sua pertinência.

Foi, então, quando minha intervenção de 1983, no seminário *História e lingüística* (1984a), tornou-se significativa ao mesmo tempo pelo mecanismo de transvaliação presentemente descrito e pelo seu resultado, o eclipse não explicitado da noção de formação discursiva. Reescrevo, aqui, o itinerário de dez anos de um historiador do discurso sem nunca usar a noção de formação discursiva, na medida em que abordo a questão da redescoberta dos textos sob os auspícios de uma descrição empírica da materialidade da língua no interior mesmo da discursividade do arquivo.

Podemos assim constatar a seguinte evolução:

- De um procedimento de verificação de hipóteses já-lá com objetivo referencial, tendo como único objetivo situar, no nível discursivo, efeitos de conjuntura já repertoriados em uma história das ideologias,
- de um procedimento de descoberta da historicidade mesma dos enunciados de arquivo sobre a base da noção do trajeto temático que

abre um leque interpretativo na configuração dos recursos vindos da materialidade própria dos enunciados.

Situo, então, minhas pesquisas na articulação entre a descrição dos enunciados de arquivo que configuram um trajeto temático, na colocação em evidência dos efeitos de sentidos recuperáveis na análise de um momento de corpus e da valorização de uma série de categorias explicativas da Revolução francesa no interior mesmo da tradição marxista.

Reformula-se, então, com um aumento de vigor e do lado dos lingüistas, portanto, em colaboração estreita com Denise Maldidier, nosso interesse maior para funcionamentos lingüísticos precisos tais como a coordenação, a tematização e a negação, a título de ancoragem do discurso na materialidade da língua. Essa preocupação está no centro da obra que publicamos, Régine Robin e eu, em 1994, sobre nossos trabalhos em comum com Denise Maldidier, seguida de seu desaparecimento brutal.

Conclusão

É preciso, portanto, concluir que voltar aos usos “antigos” da noção-conceito de formação discursiva não tem sentido na perspectiva presente do historiador lingüista? De fato, essa noção, tendo representado um papel essencial no seu tempo, não está mais verdadeiramente em adequação com a *história lingüística dos usos conceituais* (GUILHAUMOU, 2000b) tal como a concebo atualmente no horizonte de uma conexão empírica entre a realidade e o discurso. Uma conexão que destaca a distinção entre os fatos reais e os fatos do discurso, determinando que o conhecimento da realidade histórica passe pela descrição de suas condições languageiras de existência (GUILHAUMOU, 2001). Chegando a conclusão de formulação central de “deslocamento tendencioso dos sujeitos enunciativos”, sob a pluma de Michel Pêcheux, a noção de formação discursiva deixa, de agora em diante, o lugar para o *sujeito empírico*, um sujeito ao mesmo tempo ancorado em blocos de realidade e tomado em seus efeitos discursivos transversos. A dimensão teórica da análise de discurso se investe de construções abstratas vindas de materiais empíricos – na ocorrência dos elementos da língua empírica – coletadas com base em um *espírito de pesquisa* junto aos atores históricos. Ela se articula, por-

tanto, mais facilmente com uma *história das práticas languageiras*, evitando, assim, a taxionomia *a priori* dos discursos X,Y,Z que seriam a mesma coisa que formações discursivas.

Lembremos, mais uma vez, que não estamos aqui em uma narrativa de transformação. Não se trata de justificar o abandono de um conceito, inicialmente ligado à relação complexa entre Foucault e o marxismo, em proveito de uma única descrição dos recursos textuais em uma perspectiva hermenêutica, constatação do fato de que essas verdades iniciais estavam presas em um metadiscurso exterior aos textos. *A contrario*, nossa narrativa de uma transvaliação imanente aponta a parte imanente de uma análise histórica dos discursos, sua relação com a materialidade da língua, valorizando as configurações textuais de acontecimentos emancipadores, lá onde se auto-legitimam porta-vozes distintos dos atores legítimos *a priori*, portanto, sempre deslocados em relação a um posicionamento inicial. Ele sublinha somente que o encontro, *para dizer a verdade acidental*, entre Foucault e a tradição marxista, baseada na noção de formação discursiva, produziu mais efeitos sobre o devir da análise de discurso que de outras noções desse campo de pesquisa. Colocar a atenção sobre o fato mesmo da *acidentalidade* que gera um processo de deslocamento de valores consiste em romper com a concepção usual da construção científica de uma nova disciplina sobre a base de categorias necessárias.

Assim, ao encontro de uma análise de discurso como disciplina constituída que se interrogava sobre a necessidade de conservar tal ou tal de seus conceitos iniciais e, presentemente, aquele de formação discursiva, o historiador do discurso se inscreve mais em uma tradição interpretativa, construída ao redor do marxismo e, mais amplamente, no espírito de maio de 68, no qual se conserva a importância emancipatória da análise de discurso em relação a sua forma transvaliada de um momento a outro de seu trajeto. Longe de qualquer desencantamento, ficamos, portanto, em uma narrativa de metamorfoses, de transmutações, no interior mesmo da tradução entre a teoria e a prática, resumindo, na transvaliação imanente que permitiu estabelecer um dispositivo relativamente estável da análise de discurso do lado da história, sem renúncia à postura marxista inicial. Ao encontro de todo estado de coisas existente, a descrição da

materialidade dos textos focaliza nossa atenção sobre as práticas discursivas de sujeito de enunciação tomadas em relações de reciprocidade no horizonte de uma atividade livre, portanto, emancipatória. A atenção é colocada sobre a dimensão inventiva, portanto, interpretativa, do enunciado.

Quer-se dizer que ao redor do uso de conceitos a respeito daquele de formação discursiva no horizonte do marxismo, existiram recursos interpretativos, uma tradução do conceitual na prática, que abriram possibilidades e permissões para novos experimentos discursivos. A palavra emancipada dos dominados está bem no final desse percurso. Tentei mostrá-lo em minha obra sobre *La parole des sans* (1998b). Mas seria preciso, então, levar a termo um itinerário complexo, mantendo os valores éticos da análise do discurso. Sempre me desviei do hábito de reproduzir o estado das coisas em proveito de um destaque da intencionalidade do analista de discurso, afirmada até na construção de sua problemática emancipatória com os recursos próprios dos atores, dos objetos e das noções-conceitos. Isso ocorre com o nosso presente trabalho, em colaboração com Béatrice Mesini et Jean-Noël Pelen (1999), sobre as “narrativas de vida” dos ditos excluídos da sociedade contemporânea e da relação com suas ações emancipatórias na tradição cívica originária da Revolução francesa (DONZEL, GUILHAUMOU, 2001).

Aceito para publicação em 25/02/2005.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURG J. Les contributions accidentelles du marxisme au renouveau des droits de l’homme en France dans l’après-68, *Les libéralismes au regard de l’histoire*, F. Gauthier et J. Guilhaumou eds., *Actuel Marx*, n. 32, 2002. p. 125-138.
- CONEIN B. La position de porte-parole dans la Révolution française, *Peuple et pouvoir. Essais de lexicologie*, M. Glatigny et J. Guilhaumou eds., Presses Universitaires de Lille, 1981. p. 153-164.
- CONEIN B. Pêcheux M. et alii eds. *Matérialité discursives*, Presses Universitaires de Lille, 1981.
- COURTINE J.J. *Analyse du discours politique. Le discours communiste adressé aux chrétiens*, *Langages*, n. 62, 1981.
- COURTINE J.J. *Analyse du discours politique. Le discours communiste adressé aux chrétiens*, *Langages*, n. 62, 1982.
- DELEUZE G. *Foucault*. Paris: Editions de Minuit, 1986.
- DONZEL A. Guilhaumou J. Les acteurs du champ de l’exclusion à la lumière de la tradition civique marseillaise, *Exclusions au cœur de la Cité*, D. Schnapper éd. Paris: Anthropos, 2001. p. 69-100.
- DOSSE F. *L’empire du sens. L’humanisation des sciences humaines*. Paris: La Découverte, 1995.
- FAYE J.-P. *Langages totalitaires*. Paris: Hermann, 1972.
- FAYE J.-P. *Qu’est-ce que la philosophie?* Paris: A. Colin, 1997.
- GRENON M. et Robin R. Alice dans le droit chemin ou la transition dans les superstructures. *Dialectiques*, n. 24-25, 1978. p. 15-28.
- GUILHAUMOU J. Discours, idéologie et conjoncture en 1793, *Dialectiques*, n. 10-11, 1975a. p. 33-58.
- GUILHAUMOU J. Moment actuel et processus discursif : Hébert et Roux. *Bulletin du centre d’analyse de discours*, n. 2, Presses Universitaires de Lille, 1975b. p.147-173.
- GUILHAUMOU J. *Discours, idéologies et conjoncture. L’exemple des discours révolutionnaires (1792-1794)*, Thèse de 3^{ème} cycle, Université de Provence, M. Vovelle dir, 1978a.
- GUILHAUMOU J. Les discours politiques contemporains (autour de Jean-Pierre Faye), *Cahiers d’histoire de l’Institut Maurice Thorez*, n. 28, 1978b. p. 40-79.
- GUILHAUMOU J. Hégémonie et jacobinisme dans les Cahiers de prison. Gramsci et l’histoire de la France contemporaine. *Cahiers d’histoire de l’Institut Maurice Thorez*, n. 28, 1979. p.159-187.



- GUILHAUMOU J. Itinéraire d'un historien du discours, Actes du colloque *Histoire et linguistique*, dir. P. Achard et alii., Paris: Editions de la MSH, 1984a. p. 33-42.
- GUILHAUMOU J. Subsistances et discours publics dans la France d'ancien régime (1709-1785), *Mots*, n. 9, 1984b. p. 57-87.
- GUILHAUMOU J. Description d'un événement discursif: la mort de Marat, *La mort de Marat*. J. C. Bonnet éd., Paris: Flammarion, 1986. p. 39-81.
- GUILHAUMOU J. (1793). *La mort de Marat*. Bruxelles: Complexe, 1989.
- GUILHAUMOU J. Les porte-parole et le moment républicain (1791-1793), *Annales E.S.C.*, 4-91, 1991. p. 949-970.
- GUILHAUMOU J. *Marseille républicaine (1791-1793)*. Paris: Presses de la Fondation Nationale des Sciences politiques, 1992.
- GUILHAUMOU J. A propos de l'analyse de discours: les historiens et le tournant linguistique. *Langage et société*, n. 65, 1993. p. 5-38.
- GUILHAUMOU J. Révolution française et tradition marxiste: une volonté de refondation, *Actuel Marx* n. 20, 1996. p. 171-192.
- GUILHAUMOU J. *L'avènement des porte-parole de la République (1789-1792)*. Lille: Presses du Septentrion, 1998a.
- GUILHAUMOU J. *La parole des sans. Les mouvements actuels à l'épreuve de la Révolution française*. Lyon: ENS Editions, 1998b.
- GUILHAUMOU J. Subsistances (pain, bled, grains), *Handbuch politisch-sozialer Grundbegriffe in Frankreich, 1680-1820*. Heft 19, Munich: Oldenbourg, 2000a. p. 141-202.
- GUILHAUMOU J. De l'histoire des concepts à l'histoire linguistique des usages conceptuels. *Genèses*, 38, 2000b. p. 105-118.
- GUILHAUMOU J. La connexion empirique entre la réalité et le discours. *Marges-linguistiques*, n. 1, 2001.
- GUILHAUMOU J. Histoire/discours, archive/configuration, trajet thématique, événement discursif/linguistique. *Dictionnaire d'analyse de discours*. Paris: Seuil, 2002a.
- GUILHAUMOU J. Jacobinisme et marxisme: le libéralisme politique en débat, Les libéralismes au regard de l'histoire, *Actuel Marx*, 32, 2002b. p. 109-124.
- GUILHAUMOU J., MALDIDIER D. Courte critique pour une longue histoire. *Dialectiques*, n. 26, 1979. p. 7-23.
- GUILHAUMOU J., MALDIDIER D., ROBIN R. *Discours et archive. Expérimentations en analyse de discours*. Liège: Mardaga, 1994.
- GUILHAUMOU J., MALDIDIER D., ROBIN R. Jalons dans l'histoire de l'analyse de discours en France: un trajet des historiens du discours. *Discours social*, 3-89, p. 3-16, 1989.
- GUILHAUMOU J., ROBIN R. eds. Sur la Révolution française, *Bulletin du Centre d'analyse de discours de Lille III*, n. 2, 1975.
- HAROCHE C., HENRY P. et Pêcheux M. La sémantique et la coupure sausurienne: langue, langage, discours. *Langages*, n. 24, 1971. p. 93-106.
- MALDIDIER D., ROBIN R. (1976). Du spectacle au meurtre de l'événement. Reportages, commentaires et éditoriaux à propos de Charléty (mai, 1968), *Annales E.S.C.*, 3-1976. Repris dans le chapitre 1 de J. Guilhaumou, D. Maldidier, R. Robin, *Discours et archive*, Liège: Mardaga, 1994.
- MARANDIN J. M. *Problèmes d'analyse de discours. Essai de description du discours français sur la Chine*. *Langages* n. 55, 1979.
- MÉSINI B., PELEN J. P., GUILHAUMOU J. *La résistance à l'exclusion. Récits de soi et du Monde (Marseille et la vallée du Tarn)*. Rapport pour la Mission du Patrimoine Ethnologique et le Ministère de la Culture, UMR Telemme, MMSH, Aix-en-Provence. A paraître aux Publications de l'Université de Provence, 1999.

PÊCHEUX M. *Les vérités de la Palice*. Paris: Maspero, 1975.

PÊCHEUX M. *L'inquiétude du discours*. Textes de Michel Pêcheux présentés par Denise Maldidier, Paris: Editions des Cendres, 1990.

ROBIN R. *Histoire et linguistique*. Paris: A. Colin, 1973.

ROBIN R. Discours politique et conjoncture. In *L'Analyse du discours/Discourse Analysis*, sous la dir. de P. R. Léon et H. Mitterand, Montréal: Centre éducatif et culturel, 1976. p. 10-21.

